



RICARDO S. AMORIM

LOBOS QUE FORAM HOMENS



✦ A HISTÓRIA DOS ✦

MOONSPELL

SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

ÍNDICE



Prefácio (Dani Filth) **7**

13	CAPÍTULO 1	CAPÍTULO 11
	FEAR AND LOATHING IN LISBOA	SMASH THE CONTROL MACHINE 195
	CAPÍTULO 2	CAPÍTULO 12
27	(BRAN)DOA A QUEM DOER	COMO NOS TORNÁMOS FOGO 219
	CAPÍTULO 3	CAPÍTULO 13
41	STAY CONQUISTADORES!	EM NOME DO MEDO 241
	CAPÍTULO 4	CAPÍTULO 14
53	A ORIGEM DA TRAGÉDIA	PERDIDOS NA AMÉRICA 261
	CAPÍTULO 5	CAPÍTULO 15
73	SOB O FEITIÇO DA LUA	O QUE A ALMA ESCONDE 283
	CAPÍTULO 6	CAPÍTULO 16
85	DO SONHO E DO DRAMA	AS PARTÍCULAS ELEMENTARES 299
	CAPÍTULO 7	CAPÍTULO 17
105	MÓRBIDA FORMA DE VIDA	VIAGEM AO FIM DA NOITE 313
	CAPÍTULO 8	CAPÍTULO 18
131	A UNIÃO DO CÉU E DO INFERNO	OS DOIS LADOS DA LUA 337
	CAPÍTULO 9	CAPÍTULO 19
155	O SENHOR DA GUERRA	EXTINÇÃO E (RE)NASCIMENTO 353
	CAPÍTULO 10	CAPÍTULO 20
173	PECADO CAPITAL	FUGA PARA ALCATRAZ 379
		CAPÍTULO 21
		O DESTINO DESTINA 395



POSFÁCIO 411
(Fernando Ribeiro)

ANEXOS 415

AGRADECIMENTOS 445

PREFÁCIO



DANI FILTH
(tradução por Rita Telhada)

A minha relação com a entidade lunar conhecida como Moonspell começou na distante bruma neolítica do século passado, quando o death metal era pustulento e a segunda vaga do black metal não havia ainda hasteado a sua negra bandeira sobre os fiordes ardentes da Noruega.

Enquanto vocalista de um semelhante bando de patifes — quais vampiros ingleses, junto a lobisomens lusitanos — tenho sentido, ao longo dos anos, que os percursos dos Moonspell e dos Cradle of Filth têm sinuosamente progredido, interlaçando-se como um

virulento pé de feijão, serpenteando lado a lado através dum túrbido pântano musical.

É verdade que nos cruzámos pela primeira vez por meio de uma actuação dos Cradle no festival de Penafiel, em Portugal, onde conhecemos a banda e os seus parceiros, que nos aguçaram o apetite ao oferecerem-nos exemplares do seu arcano álbum de estreia (de sonoridade tão exótica) *Under the Moonspell*. Regressaríamos vários meses depois para encabeçar um espectáculo com a banda, tendo ficado na Brandoa, seu berço, acontecimento que gerou não só uma amizade duradoura, como também uma saudável relação com Portugal.

Assim continuaríamos durante anos, superando o abalo severo que um concerto cancelado em Leiria nos causou, partindo as bandas em tournée conjunta em várias ocasiões (lembro-me imediatamente das tournées europeias Filthfest 1 e 2).

Conta a história que, após a sua génese (e a bem-aventurada mudança do seu anterior nome, Morbid God), os Moonspell cresceram enquanto notável presença na comunidade internacional do Metal, assim como nós, e ao longo dos anos que nos perseguiram a nossa proximidade prosperou, assim como a nossa música. Ambas as bandas contribuíram para o panorama dos anos 90 com o seu timbre único de um black metal incandescente, amadurecendo como algo mais sombrio e solenemente romântico, antes de errar por águas rasas experimentais.

A primeira década dos anos 2000 testemunhou um engrandecimento do estatuto de ambas as bandas, e os inescapáveis Estados Unidos invocavam-nos. A tournée Cradle of Filth/Type O Negative/Moonspell através dos Estados Unidos no Outono de 2003 foi, sem dúvida, uma das melhores e mais bem adaptadas tournées. Que alinhamento!

Sempre vi os Moonspell como uma união da elegante e tóxica fantasia dos Cradle com o erotismo gótico profundo dos Type O Negative, atributos de Jeckyl e Heidi que se ergueriam de forma perfeita nos siameses *Alpha Noir/Omega White* de 2012, exibindo tanto o esmagador peso dos Moonspell quanto a sua metade mais sombria e caracterizada. Isto sem qualquer tipo de insulto à sua identidade, pois a banda teve sempre uma sonoridade singular. Esta é uma comparação a outros tons vibrantes, ricos e doentios.

Verdade seja dita, nos nossos vinte e cinco anos de carreira, os Cradle of Filth já estiveram mais vezes em tournée com os rapazes portugueses do que com qualquer outra banda o que é algo de notável. Tal como o estado em que deixamos os *tourbuses*.

Contudo, a união da banda está para lá de meros enfeites, calendários e tournées.

Os Moonspell sempre se rodearam do teatral e ornado e, sendo o lirismo repleto de significado algo que tento incluir na minha escrita, é também algo que procuro noutras bandas. Basicamente, eu aprecio boas letras, e os Moonspell têm-nas em abundância, desde o horror gótico de *Wolfheart*, a *The Antidote*, inspirado em José Luís Peixoto, aos poéticos apocalipses espirituais de *Memorial* e *Extinct*, as palavras do Fernando são sempre religiosas, profundas e veludíneas.

Como um bom funeral.

E todo o grupo é uma diversão constante. Partilhamos muitas histórias de estrada, muitas delas de rir, muitas outras de chorar a rir. Imensas incluem o Aires. Inúmeras são piadas europeias de mau gosto, impróprias para consumo em massa.

Também partilham o grande amor da sua nação pela comida e pelo vinho. Sobretudo pelo vinho. Assim como um amor pela mitologia, história e cultura transmitidas ao longo de linhagens e gerações dos seus respetivos países, algo que moldou as jovens versões de ambas as bandas, e que continua a fazê-lo até hoje.

E assim, cá estamos.

Os Cradle e os Moonspell evoluíram enquanto bandas basicamente em simultâneo, a partir de uma paixão ardente pela mesma música; ambas as bandas tiveram grandes sucessos, e maiores momentos de sucesso quase conseguido, tudo numa progressão muito semelhante; ambas trabalharam com literatura, ambas namoriscaram as câmaras de vídeo; ambas fizeram versões cover de «Mr. Crowley»; ambas obtiveram distinções e prémios de renome apesar de tocarem heavy f*cking metal e se manterem fiéis às suas visões underground, e ambas atravessam um momento renascentista com as suas mais recentes excreções musicais, percorrendo o mundo em tournée e tirando partido da nossa longevidade criativa.

E sabem que mais? Estamos de volta à proverbial estrada, novamente juntos e a partilhar um tourbus, nos meses que se avizinham!

Portanto, deixem a Full Moon Madness continuar!

Mas, antes, uma última reflexão.

Simplesmente não se conhece realmente alguém até se ter dançado com essa pessoa em palco, vestido de esqueleto!

E, para terminar, à banda e ao livro que o leitor irá agora devorar. Que lhe sirva para extinguir e saciar todo e qualquer desejo em relação ao fenómeno Moonspell, e que o inspire a revisitar esse grande panteão de hinos como «Vampiria», «Opium», «Alma Mater», «From Lowering Skies», «Scorpion Flower», «Breathe (Until We Are No More)», «Raven Claws» e «Everything Invaded», entre tantos outros.

Espero ter feito justiça a estas parcas páginas de introdução ao entregar as minhas duas moedas ao barqueiro...

Ex Luna, Musica

Deste vosso maligno,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Dani Filth', with a large, stylized initial 'D' and 'F'.

***Midian/Medusalem Witch County,
Inglaterra, Outubro de 2017 e.h.***

NOTA: *O autor considerou que o prefácio do Dani Filth tinha um estilo único que, inevitavelmente, se perderia mesmo com uma excelente tradução. Como tal, optou por disponibilizá-lo também na versão original em inglês.*

My relationship with the lunar entity known as Moonspell began way back in the neolithic mists of the last century, when death metal was pustulent and the second wave of black metal had raised it's sable flag across the burning fjords of Norway.

As the lead singer in a similar band of miscreants — being English vampires to their Lusitanian werewolves — I have felt over the years that Moonspell and Cradle of Filth's two career paths have grown and intertwined like some virulent beanstalk, snaking up through a murky musical mire together.

It is true that we first encountered one another via Cradle's appearance at the Penafiel festival in Portugal where we met the band and associates and were fleshed with copies of their arcane (and very exotic-sounding) Under the Moonspell debut. Several months later we would return to headline a show in Lisbon with the band and stay with them in their hometown of Brandoa, an event that spawned not only a long-lasting friendship, but a healthy relationship with Portugal itself.

This would continue for years, outgrowing the severe dent that a cancelled show in Leiria caused us, and the two bands would tour together on many occasions (the tours 'Filthfest 1 and 2' across Europe immediately spring to mind).

History speaks that after their inception (and a well-advised name-change from 'Morbid God'), Moonspell grew as a formidable presence in the international Metal community, as did we, and over the years that swallowed, our kinship flourished, as did our music. Both bands contributed to the Nineties scene with their individual brands of fiery black metal, which further blossomed into something altogether darker and gravely romantic, before dipping cloven hooves into more experimental shallows.

The 'Noughties saw a rise in stature for both acts, and the inevitable 'States beckoned. Definitely one of the best tours and one of the more well-suited, was the Cradle of Filth/Type O Negative/Moonspell tour trawling the US in the Fall of 2003. I mean, what a great line-up!

I had always viewed Moonspell as a marriage of Cradle's sleek, poisonous fantasia and Type O Negative's deep gothic eroticism, a Jeckyl and Heidi trait that would surface perfectly on 2012's Alpha Noire/Omega White conjoined twin, which showboated both Moonspell's crushing heaviness and their shadowy, mascaraed other-half. Of course this isn't meant as a slur on their identity at all, as the band have always sounded unique, it's more a comparison to vibrant, rich and unwholesome flavours.

In fact Cradle of Filth have been on tour more times with the boys from Portugal than with any other band in our 25 year career, a fact not to be sniffed at. Much like our tour buses.

The bond between the band is beyond mere tinsel, timelines and tours, however.

Moonspell have always immersed themselves in the theatrical and ornate, and meaningful lyricism is something I attempt when I put pen to parchment, thus it is a trait I pursue in other bands. Basically I dig great lyrics and Moonspell has them in spades, from the high Gothic horror of Wolfheart, to the José Luís Peixoto-inspired The Antidote, to the poetic spiritual apocalypses of Memorial and Extinct, Fernando's words are always religious, deep and velvet-lined.

Much like a good burial.

And the group are always a hacking good laugh to be around. We

share many tales of the road, a lot of the stories funny, a lot of them eye-wateringly funny. A lot involving Aires. Many being tasteless European jokes not meant for mass consumption.

They also share their nation's great love of food and wine. Especially wine. And a love of mythology, history and culture passed down the bloodlines of their respective countries, something that has shaped fledgling versions of both bands and still continues to do so.

So there you have it.

*Cradle and Moonspell both evolved as bands pretty much at the same time, from an ardent love of pretty much the same music; both have had our grand successes and grander near-misses scaling on a similar timeline; both have worked with literature, both flirted with celluloid; both bands have covered 'Mr Crowley'; we've both garnered accolades and won high-profile awards despite playing heavy f*cking metal and staying true to our underground vision and we're both enjoying a worthy renaissance with our latest musical excretions, touring the World and enjoying our creative longevity.*

And guess what? We're back out on the proverbial road together in the coming months and sharing a bus nonetheless!

So let the full moon madness roll!

Though, one last thought.

You just don't know people properly until you've danced with them on stage dressed as a skeleton!

So finally, to the band themselves and the book you're about to devour. I hope it serves to quench and satiate every desire you have in regards to Moonspell the phenomena and that it spurs you on to revisit great pantheon hymns such as 'Vampiria', 'Opium', 'Alma Mater', 'Under Lowering Skies', 'Scorpion Flower', 'Breathe (Until We Are No More)', 'Raven Claws' and 'Everything Invaded', to name but a smattering.

And I hope I have done these first few pages justice by contributing my two coins to the ferryman...

Ex Luna, Musica.

Your fiend,

DANI FILTH

**Midian/Medusalem Witch County,
England, October 2017 e.h.**



CAPÍTULO 1



FEAR AND LOATHING IN LISBOA



«Maybe it meant something. Maybe not, in the long run... but no explanation, no mix of words or music or memories can touch that sense of knowing that you were there and alive in that corner of time and the world. Whatever it meant...»

HUNTER S. THOMPSON, *FEAR AND LOATHING IN LAS VEGAS*, 1972



© Paulo F. Mendes

Campo Pequeno, 4 de Fevereiro de 2017



«**IN** em uma sopinha!», reclama Fernando Ribeiro no camarim do Campo Pequeno. Os Moonspell estão nos últimos instantes de preparação para um concerto de três horas e, enquanto uns fazem alongamentos ou comem uma peça de fruta ou salada, o vocalista esteve a dar uma entrevista para uma revista britânica, que ali se deslocou de propósito para este concerto. Todo o dia foi preparado ao pormenor, mas nem assim as coisas correm conforme previsto. Mas é um lamento vazio, pois mesmo que tivesse tido mais tempo provavelmente nem teria comido a sopa. O seu foco é outro. É uma das noites mais importantes da carreira dos Moonspell. Tiveram muitas, mas esta ficará registada de uma forma permanente. Falou na sopa como poderia ter falado noutra coisa qualquer, é conversa de circunstância. «Mas para uma ganza ainda dá tempo!», ri-se o vocalista enquanto mete mãos à obra nessa cónica empreitada, e o Mike vai aquecendo com duas armas de artes marciais, de que é praticante. Em Guimarães usou matracas, hoje são dois kamas, pequenos machados à ninja, que captaram a atenção do Pedro e do Fernando. Têm entre eles momentos de uma inocência quase infantil. Como quando víamos um amigo lá na escola com um brinquedo novo e queríamos saber exactamente o que era, talvez até poder brincar um pouco. O Pedro exclama «altamente» e, de repente, parece que descem à terra e o Fernando diz que o seu filho, Fausto, não pode ver aquilo senão vai querer dois machados como os do Mike. Mas até eu quis pegar naquelas armas e reviver os filmes de ninja que vi em criança.

São momentos fugazes, que parecem insignificantes, e antecedem um confortável silêncio que também conseguem manter entre eles, apenas interrompido pelos exercícios de aquecimento de voz do Fernando. De headphones nos ouvidos, vai repetindo escalas enquanto caminha pelo camarim. O Aires está no fundo da sala a calçar-se e, assim que tenha as botas, estará tão pronto para subir ao palco como estava há uma hora. Está sempre no espírito e pronto para o rock 'n' roll. O Ricardo vai entrando e saindo do camarim, sempre mais reservado, mas com uma aparente calma tranquilizadora. Bebe um copo de vinho para relaxar, agarra numa Les Paul preta para aquecer os dedos e deixa-me de queixo caído. Digo-lhe que até não se safa mal... Entretanto, o Pedro está a fixar o seu equipamento *in ear*, sempre focado e sob controlo, concentrado no que tem a fazer para que as próximas três horas sejam inesquecíveis para todos os presentes. Não é *another day at the office*, como seria um concerto inserido numa tournée de várias semanas, especialmente hoje, em que se trata de um evento tão antecipado e preparado, mas o Pedro mantém uma calma e uma confiança cavalheiresca inabalável. Todos eles, à sua maneira, mas isso no Pedro é mais evidente. Até quando me pede contenção depois de ter partilhado o resultado ao intervalo do derby entre os clubes de que o Fernando, por um lado, e o Ricardo e o Aires, por outro, são entusiastas adeptos. «Hoje somos todos do clube do Lobo», diz com um sorriso. Curiosamente, horas mais tarde, quando o felicito à saída do palco, a primeira coisa que me pergunta é o resultado final do jogo. Prioridades. E o maior exemplo disso é a atenção que dá aos filhos, Gustavo e Salvador, no final do concerto, quando passa de rock star a pai instantaneamente. Não é a adulação dos fãs que espera, quer estar com os filhos e fazer com que se sintam à vontade, servindo-os da pizza que aguardava no camarim para quem nem teve tempo de comer uma sopinha ou passou três horas a tocar bateria, ainda antes de poder tirar a roupa suada. Pouco depois, o Ricardo comenta que o melhor momento do concerto foi quando viu o seu avô, de 87 anos, numa das filas da frente da plateia. Recordo outro exemplo em Guimarães, com o Mike a descomprimir vendo no telemóvel fotos da sua filha de 9 meses, Anaís. O sentido de família é muito intenso em todos eles, e o tempo passado longe, na estrada, tornou-o forte como aço.

É difícil de acreditar que já passaram vinte anos. Mais ainda, é difícil acreditar que estou aqui agora, em pleno backstage com os Moonspell, momentos antes de subirem ao palco para celebrar os vinte anos de *Irreligious*.



© Paulo Moreira

*Festa de Lançamento de Irreligious,
Convento do Beato, 12 de Julho de 1996*

Estive lá, no Convento do Beato. E é igualmente difícil explicar o que aconteceu naquele espaço a quem não esteve presente. Demasiadas dificuldades evocadas logo de início, dirão, mas o próprio caminho dos Moonspell foi feito em sucessivas superações de dificuldades, conquistando cada pequena batalha com que se depararam e chegando a um patamar que muitos profetizavam ser impossível. Uma banda portuguesa de metal assinar por uma editora europeia de referência, andar na estrada com as grandes bandas do género, presença assídua nos grandes festivais dentro e fora de portas, manter esse nível de trabalho sem nunca terem emigrado, tornarem-se embaixadores de Portugal e da portugalidade no mundo e tantos outros feitos que poderíamos aqui citar. Mas, acima de tudo, conseguiram construir uma carreira. Nunca foram um *one hit wonder* ou uma curiosidade, são uma das bandas portuguesas com um corpo de trabalho mais consistente e constante, independentemente do género. Criando com regularidade, com nível qualitativo elevado e em constante evolução criativa, evitando repetir-se. Hoje, aqui, tanto celebram os vinte anos de *Irreligious* como também revisitam o clássico *Wolfheart* e o mais recente trabalho, *Extinct*. Mas, e mais importante do que as celebrações do passado, têm já preparado um novo álbum, inteiramente vocalizado em português e assumindo o risco comercial que possam enfrentar nos seus

melhores mercados além-fronteiras. Essa é uma característica importante nos Moonspell, e que ao longo destes meses de convivência mais próxima percebi ser fulcral. Celebrar o passado só faz sentido se, em simultâneo, se trilhar o futuro. Tanto podem tocar o *Wolfheart* na íntegra como na noite seguinte (ou na mesma) o *Extinct*, e a seguir fecharem-se no Inferno para compor um novo disco. Inferno é o nome do estúdio deles, já agora, para que não pense que se trata de uma metáfora da minha parte. Sempre foram uma banda reservada no que diz respeito ao seu círculo interno: existem entrevistas onde parte é revelada, existem redes sociais onde se mostra mais qualquer coisa e se promove a interação, mas as dinâmicas internas da banda e o seu processo criativo é algo de desconhecido fora do seu círculo mais próximo. Têm-se vislumbres, mas não uma visão, panorâmica ou aprofundada, como a que tentarei transmitir nas páginas que se seguem. Esta é a história dos Moonspell, com os seus altos e baixos, e procurando dar uma visão multian-gular da mesma, ouvindo os testemunhos de quem se cruzou no seu cami-nho, e fundamentalmente dos seus antigos membros.

Em jeito de introdução, é justo que partilhe também a minha história com os Moonspell. Conheci-os em 1994, por alturas do *Under the Moonspell*. Foi uma altura de transição para mim, quando descobri outras sonoridades e vivên-cias, passando dos Iron Maiden, Metallica, Slayer ou Guns N' Roses para ouvir bandas como Morbid Angel, Napalm Death, Paradise Lost ou Celtic Frost. A rádio teve nessa altura um papel fundamental e não perdia o Lança-Chamas, do Mestre António Sérgio, e as emissões do António Freitas e do Gustavo Vidal, entre outros. O círculo de amigos também se foi alargando nesta fase e fui ten-do acesso a um underground mais extremo. Tomei contacto com bandas como Entombed, Cradle of Filth e Mayhem, mas também com os nossos Decayed, Grog, Thormenthor e uns tais de Moonspell, que tinham lançado aquele EP por uma editora francesa. A capa tinha uns cornos e o logotipo um pentagra-ma: claro que tinha de ouvir. As primeiras palavras são: «*the majestic horns of Baphomet*». Uma banda que começa um EP por falar nos majestosos cor-nos de Baphomet e que cita o Marquês de Sade num tema chamado «Opus Diabolicum» está destinada a grandes feitos. Aquilo era bizarro e, de certo modo, era-me difícil levar demasiado a sério, por isso encarava tudo aquilo com uma certa dose de humor. Musicalmente, tinha elementos que reconhe-cia pertencerem ao universo black metal, mas era uma visão diferente, mais quente e mediterrânica, por contraste com o black metal nórdico que ouvia nos Emperor ou nos Immortal. *Wolfheart* surgiu pouco depois deste meu primeiro

contacto com os Moonspell e foi um choque. Adorei o disco do primeiro ao último minuto, quando o ouvi emprestado por um amigo meu, e rapidamente fui com o meu irmão à feira da ladra comprá-lo também. Infelizmente, já não tenho esse CD, pois achei que fazia sentido vendê-lo para comprar aquele digi-pack branco horrível com mais um tema que saiu meses mais tarde. Foi apenas mais um caso em que fui vítima das políticas de reedições durante os anos 90 e, em retrospectiva, devia ter ficado com o original — e confesso não discordar da decisão inicial da Century Media de suprimir a «Ataegina». Durante todo este período nunca vi os Moonspell ao vivo, e até pensei que eles já nem vivessem em Portugal. Estavam na Century Media, andavam na estrada Europa fora e julguei que tivessem emigrado.



© Paulo F. Mendes
Campo Pequeno, ida para palco

Soube que iam tocar no Johnny Guitar e tive amigos do liceu que foram, mas, pelo que me recordo, terá sido num dia de semana em época de testes e não pude ir. Algum tempo depois, surgiu a notícia de que iam dar um concerto na Voz do Operário e numa sexta-feira, oportunidade perfeita para ver os Moonspell pela primeira vez. Eu e o meu grupo de amigos metemo-nos no comboio, parámos numa loja de conveniência para comprar litrosas na zona da baixa e seguimos a pé para a Voz do Operário. Lá chegados, deparámo-nos já com uma multidão, mas conseguimos comprar bilhetes, que esgotaram pouco depois. O espectáculo era no café-concerto, e não na sala grande. Correram rumores de que iriam dar um segundo concerto na mesma noite, mas nem sequer confirmámos isso, pois já estávamos safos com bilhete. A sala estava a abarrotar e o calor era quase insuportável, mas lá fomos furando. Às tantas, empurrado pelas pessoas da parte de trás, dei por mim

frente ao pequeno palco sem fazer muito por isso. Passei o concerto sem conseguir mexer, mais ou menos alinhado entre o vocalista, Langsuyar, e o baixista, Ares. Ainda levei uma cronhada acidental do baixo na testa e comecei a ser empurrado para trás. Alguns tipos surgiram pelas laterais do palco, colocaram-se frente à banda e empurravam o público para trás, para que se afastassem mais do palco, que teria a altura de um degrau.



© Ricardo S. Amorim
Bilhete de concerto, Voz do Operário

Voltei a vê-los no Super Bock Super Rock, com Paradise Lost e Nefilim, projecto de Carl McCoy, dos Fields of the Nephilim, que tinham lançado na altura o excelente *Zoon*, mas o grande reencontro estaria marcado para o mês seguinte, no Convento do Beato. Seria o lançamento do segundo álbum, *Irreligious*, quase desconhecido à excepção de «Opium», que já passava nas rádios. Repetiu-se o ritual de comboio e litrosa, mas esta foi transportada no saco de plástico durante a viagem de autocarro. O Beato era longe, numa parte da cidade quase desconhecida para mim. Saímos em Xabregas e prosseguimos a pé, bastava seguir a mancha negra, que não havia como enganar no destino. Havia gente sentada pelos passeios, as garrafas eram esvaziadas e a atmosfera de antecipação vivida era próxima daquela que já tinha experienciado nos concertos do Dramático. Ao entrarmos no convento, percebemos que a diferença de escala para com o pavilhão de Cascais era compensada pela nobreza e solenidade do espaço. Os claustros estavam a meia-luz e a música ambiente era cuidadosamente escolhida. Recordo-me de ouvir Type O Negative, Paradise Lost ou Sisters of Mercy, e até de me cruzar com repórteres do canal alemão VIVA, cujo programa semanal, *Metalla*, conseguia ir vendo

com algum atraso através de amigos com antena parabólica que gravavam em VHS. Todos os sinais estavam lá: esta seria uma noite memorável. O que recorde, da inexperiência dos meus 16 anos, é de um concerto irrepreensível, em termos de execução instrumental e vocal, luzes, teatralidade e ambiente geral. Poderá vir agora alguém dizer que deram um prego monumental neste ou naquele tema, mas, embora não creia que isso tenha acontecido, de nada importa. Aquele foi um momento marcante na carreira dos Moonspell e todos os presentes tiveram essa noção. *Irreligious*, álbum com o qual estávamos a ter o primeiro contacto naquela noite, logo pareceu representar um grande salto de maturidade, com melhores e mais consistentes canções. Além da «Opium», que muitos já tinham ouvido, «Awake», «Mephisto» e «Ruin & Misery» ficaram na cabeça, mas logo se percebeu que estava ali um novo hino em «Full Moon Madness». Não deve ter existido concerto depois deste em que a canção não tenha sido tocada, mas em poucos terá soado como nos claustros do Convento do Beato. Foi o clímax de uma noite de comunhão total entre banda e público, em que os Moonspell se consagraram perante o seu público, que cada vez mais os via como um porta-estandarte do metal lusitano e como dignos representantes da nossa cultura na Europa. Por isso, foi logo na semana em que o CD ficou disponível que voltei à feira da ladra para o comprar. Já sabia que o guitarrista não era nenhum dos que tinham gravado o *Wolfheart* e até que se chamava Ricardo, mas foi só com o CD na mão que percebi que também tinha o mesmo apelido que eu, coincidência que levaria a alguns equívocos engraçados no futuro. Foi, aliás, naquele momento que soube o nome dos elementos da banda (à excepção do Ares), pois passaram a utilizar os seus nomes verdadeiros.



© Ricardo S. Amorim

Bilhete de concerto, lançamento
de *Irreligious*

Continuei a acompanhar a carreira dos Moonspell ao longo dos anos, gostando mais de umas coisas que de outras (como qualquer um), mas criando uma relação com a banda, fruto da actividade que fui desenvolvendo, de forma mais séria a partir de 2001. É curioso recordar que a primeira entrevista que fiz na vida foi ao Fernando Ribeiro, e de forma totalmente aleatória. No lançamento do *Sin/Pecado*, em 1998, os Moonspell tocaram no Coliseu dos Recreios com os italianos Lacuna Coil, e tiveram também um *showcase* acústico na Mãe d'Água. Ganhei convites na rádio e fui com o meu irmão, Nuno, e o nosso amigo Pedro Pereira, levando um pequeno gravador com aquelas microcassetes para gravar o concerto. Logo percebemos que não ia valer a pena gravar e nem o ligámos, mas estávamos ali com as duas bandas (os Lacuna Coil não tocaram, foram apenas assistir), algumas dezenas de convidados e muita imprensa, que ia fazendo entrevistas por ali. O gravador não poderia voltar a casa sem ter ido a jogo e dissemos ao Fernando que tínhamos uma fanzine e queríamos fazer uma entrevista, ao que ele acedeu com o mesmo sentido de responsabilidade como se fosse falar para um semanário de grande tiragem. Fizemos meia dúzia de perguntas parvas e ele manteve sempre uma postura acessível e profissional, o que contrastava com a imagem de arrogante que era propagada naquela altura no underground. E se comparássemos isso com algumas entrevistas reais, de outras bandas que líamos em fanzines reais, era fácil perceber quem tinha afinal a mania. O Fernando levava os Moonspell demasiado a sério para perder uma oportunidade que fosse para falar da banda a quem estivesse disposto a ouvir.

O dia em que nos conhecemos a sério foi em 2003, no ciclo de promoção de *The Antidote*. Estava a colaborar no “pasquim maldito” *Underworld — Entulho Informativo*, que tinha voltado ao activo depois de um interregno, e estive com o Fernando e o José Luís Peixoto, que também conheci nesse dia. Fomos mantendo o contacto, e em muitas ocasiões, tanto um como outro colaboraram no *Entulho*. Fomo-nos conhecendo melhor ao longo dos anos, bem como ao Mike, ao Pedro e ao Ricardo, também em ocasiões sociais por via de amigos que tínhamos em comum, e eles sempre foram de excelente trato, conversando sobre música, futebol ou outros assuntos mundanos. Em termos profissionais, também se manteve a relação, agora já eu na *LOUD!*, e visitei-os algumas vezes no Inferno, tanto para ouvir o *Night Eternal* com um lanche bem regado a sangria preparado pelo Mike para a imprensa convidada, como também para entrevistar o Fernando por ocasião de *Alpha Noir* /

Omega White, convidando-o ainda a escrever sobre o *Wolfheart* para a rubrica do Quadro de Honra, que apresentou connosco num auditório. Quando os artigos dessa rubrica passaram a livro, prolonguei o convite para que agora escrevesse sobre o *Irreligious*, que comemoraria o seu vigésimo aniversário precisamente no ano de edição do livro, constituindo assim um conteúdo exclusivo. Foi para falar desse livro que o Álvaro Costa me convidou a ir ao seu programa de televisão, *Portugal 3.0.*, que seria um especial dedicado aos Moonspell, onde tocaram alguns temas emblemáticos da sua carreira, intercalados com segmentos de entrevista. Eu surgiria num desses segmentos a falar do livro, que tem dois capítulos sobre os Moonspell. Entre ensaios de luz e de tempo, as gravações atrasaram-se e logo se percebeu que ia perder o comboio que a produção do programa me tinha reservado para regressar de Vila Nova de Gaia a Lisboa. O problema foi rapidamente solucionado, pois o Fernando disse que tinham lugar na carrinha, e assim aproveitei a boleia. Mal me sento no banco de trás, entre o meu homónimo Ricardo e o Aires Pereira, disseram-me que íamos ouvir os quatro temas que tinham gravado para o novo disco, aquilo que seria o EP original, mas que, entretanto, iria crescer para um longa duração. Trocámos breves impressões sobre o novo material e, de repente, o Fernando disparou o convite: queria que fosse eu a escrever a biografia dos Moonspell. Disse logo que sim, mas nem assimilei bem aquilo, o que pode ter sido entendido como uma hesitação ou falta de entusiasmo. Após uma noite mal dormida, enviei um e-mail a reiterar a minha vontade em abraçar este desafio e, nem uma semana depois, reunia com o Fernando para discutir algumas ideias para a estrutura do livro e sua edição, tendo ele sublinhando que teria total liberdade para contar a história, facilitando ao máximo esse processo e agilizando o acesso a antigos membros e colaboradores, com quem falei em muitas horas de conversa.

Estávamos em Novembro de 2016, e a ideia era lançar o livro ainda em 2017, que corresponderia ao 25.º aniversário dos Moonspell. Sabíamos que o prazo era curto, pois o texto teria de estar concluído muito antes do lançamento, e o trabalho envolveria muita pesquisa e recolha de depoimentos. Mais importante do que saber histórias de estrada ou particularidades técnicas usadas em determinada gravação, importava demonstrar a dinâmica de banda que foi existindo ao longo do seu percurso colectivo e a essência que está no centro da sua criação artística. Porém, e como logo me avisaram, os planos com os Moonspell mudam de forma constante. O objectivo está sempre claramente definido, mas o caminho para alcançá-lo vai



© Paulo F. Mendes
Meet 'n' greet, Campo Pequeno

conhecendo desvios e atalhos, perante os quais a sua capacidade de adaptação vem sempre ao de cima. Temos isso em comum, que ganhei no meu percurso pessoal e profissional, mas a experiência deste livro potenciou ainda mais essa valência, que assenta no grande pragmatismo que testemunhei neles. Não lamentar o problema, encontrar a solução. A sublinhar essa capacidade está o facto de, numa reunião com a editora, sermos lembrados do carácter intemporal dos livros, e que não é preciso que a biografia saia no vigésimo quinto aniversário da banda. Na música procura-se o simbolismo dos momentos, de uma conjuntura que os eleve a um patamar de importância superior e nos junte num momento de partilha. Enquanto escrevo estas palavras, acabo de ver num noticiário em horário nobre que passam hoje cinquenta anos do disco de estreia dos The Doors, banda fundamental na formação musical dos Moonspell (ou de alguns dos seus elementos), e confesso que o primeiro impulso foi meter o disco a tocar. Mas não foi notícia que tivessem passado sessenta anos de *As Portas da Percepção*, de Huxley, ou oitenta e cinco de *Viagem ao Fim da Noite*, de Céline, duas obras incontornáveis no universo dos The Doors, e mesmo que fossem notícia, a reacção que temos é diferente. Longe de ousar qualquer comparação, concordámos que este livro sairia quando tivesse de sair.

Encontramo-nos aqui, nos camarins do Campo Pequeno, arena onde os Moonspell tocam pela segunda vez, e vive-se um clima de consagração. Tocam os seus dois álbuns mais emblemáticos, mas também o mais recente, que, embora já tenha obtido o devido reconhecimento, o tempo tornará num clássico e que, por ser o décimo álbum da banda, tem um significado especial. Existem muitas bandas com discos emblemáticos, e basta olhar para o período em que os Moonspell editaram *Wolfheart* e *Irreligious* para encontrar algumas dezenas. Melhores ou piores, consoante o gosto de cada um, ou envelhecidos de melhor ou pior maneira, mas discos que marcaram uma época. Porém, foram bandas que terminaram ou que entraram numa modorra criativa, o que as levou à irrelevância. Os Moonspell não, e o seu maior feito é a sua carreira. É a noção de que, embora seja a actividade profissional que lhes dá sustento, Moonspell é uma manifestação artística e um escape criativo que precisa de se expressar, e que tem de ter uma estratégia e um rumo como garante de que essa expressão encontra continuidade. As quatro mil pessoas que enchem o Campo Pequeno são a prova disso. O novo disco que está, neste momento, prestes a sair, a garantia. ⚡



© Paulo F. Mendes

Campo Pequeno, 4 de Fevereiro de 2017



CAPÍTULO 2



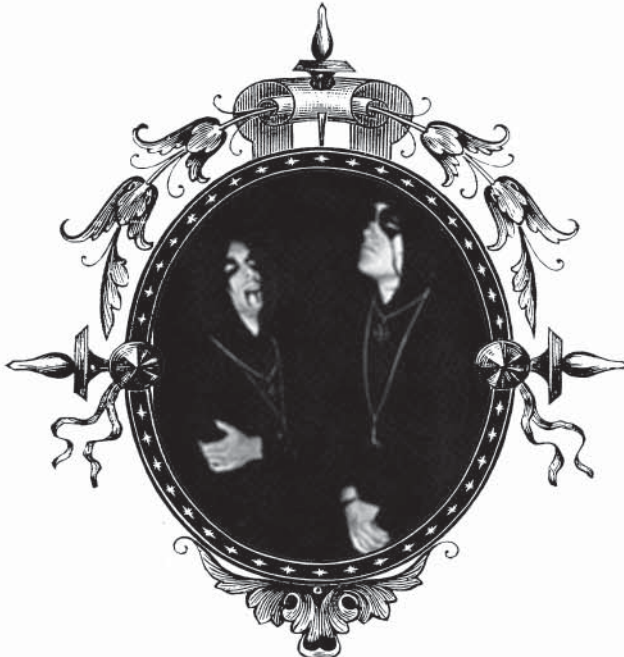
+++++

❖ (BRAN)DOA ❖ A QUEM DOER

*«Gettin' robbed, gettin' stoned, gettin' beat up, broken boned.
Gettin' had, gettin' took, I tell you folks it's harder than it looks.*

It's a long way to the top if you wanna rock 'n' roll.»

**AC/DC, «IT'S A LONG WAY TO THE TOP
(IF YOU WANNA ROCK 'N' ROLL)», 1975**





Chegado ao ponto em que tinha uma história por contar, a qual se estende por um quarto de século, seguiu-se um período de preparação da estrutura dessa história e do necessário enquadramento prévio. Quem são os Moonspell, quais as suas influências, como surgem e em que contexto, são questões a que se deve responder antes de qualquer relato cronológico, de modo que se entenda como chegaram a este ponto. Uma crónica demasiado pormenorizada de cada fase revelar-se-ia penosa para o leitor e demasiada informação acessória toldaria a visão sobre o essencial. Contudo, é importante que o foco sobre os primeiros passos da banda seja mais pormenorizado, não só porque a informação sobre essa época é mais escassa e deturpada por rumores do underground, mas porque é nessa fase que os Moonspell se tornam no que são hoje e criam a sua identidade.

Recuemos, por isso, à Brandoa no final dos anos 80 como ponto de partida. Trata-se de um bairro do concelho da Amadora que, à semelhança de muitos outros da Grande Lisboa, começou por ser apenas uma quinta. Com os movimentos migratórios da década de 1960, em deslocações populacionais do interior para o litoral e dos meios rurais para os grandes centros urbanos, a construção clandestina foi crescendo desordenadamente e, até ao início da década seguinte, condições como saneamento básico, electricidade, água canalizada ou qualquer equipamento social eram inexistentes no bairro, apesar de o número de residentes continuar a aumentar. Evidenciada a inaptidão do Estado Novo para dar resposta às necessidades das populações, tanto a nível central como municipal, o bairro da Brandoa era considerado um exemplo de tudo o que estava mal com a questão da habitação, e o desmoronamento

de um prédio de seis andares em 1969 deixou-o no centro das atenções mediáticas. A Brandoa passou a ser conhecida como «o maior bairro clandestino da Europa»¹. É na década seguinte que se dá o desenvolvimento, que vem com a revolução. «Abril de 1974 deu à população da Brandoa, como a todos os portugueses, a capacidade reivindicativa até então cerceada e surgiram os movimentos espontâneos de cidadãos, em comissões de moradores, nomeadamente, que começaram a levar a cabo as lutas necessárias à satisfação das suas necessidades mais básicas.»² O bairro passou a freguesia em 1980, já inserido no município da Amadora (quando antes era no de Oeiras), e foi conhecendo o seu desenvolvimento nesta década, com a criação de equipamentos sociais, escolas, áreas desportivas, uma igreja e um centro de saúde. Foi atravessando sucessivas reorganizações administrativas a nível municipal, até que, em 2013, a freguesia foi extinta (*sic*), criando-se a Junta de Freguesia da Encosta do Sol, que integra também a antiga freguesia de Alfovelos, outro bairro que marca o percurso dos Moonspell.



Brandoa

¹ Osório, Isabel — *Perdidos e Achados*, SIC, 25-07-2012.

² Site oficial, Junta de Freguesia da Encosta do Sol, 2016.

«Não tinha grande interesse por nada, porque nada me interessava. Era esse o meu mal-estar», reflecte Fernando Ribeiro sobre a sua adolescência. Para uma geração sem referências, este sentimento de alienação era frequente. Nascidos na altura do 25 de Abril, ou antes mas demasiado tarde para se recordarem da vida naquele período, os elementos dos Moonspell cresceram no período de convulsão pós-revolucionária e durante a implementação da democracia em Portugal. «Fui para a escola secundária da Falagueira e havia lá um ou dois metaleiros. Havia uma necessidade de identificação com outras coisas e isso surgiu através de outras pessoas que me intrigavam. Todos vivíamos nos subúrbios em casas apertadas, por isso a fantasia de ser alguém na escola secundária era muito importante na altura. Comecei a relacionar-me com os metaleiros, que na altura não eram pessoas que dessem as boas-vindas aos outros como hoje em dia. Era um bocado diferente, perigoso até. Na altura o preconceito tinha razão de ser, havia muita gente agarrada à heroína, muitos roubos», recorda.



Fernando Ribeiro

Nascido em 1973, um ano mais velho que o Fernando, o João Pedro era outro rapaz da Brandoa que encontrou na música a sua identidade, começando a educação musical dentro de casa. «Os meus pais sempre tiveram uma boa colecção de discos e cresci a ouvir Rolling Stones e Beatles, bem como música de intervenção, como Zeca Afonso ou José Mário Branco, ou cantores franceses como o Jacques Brel. Isto era o que se ouvia lá em casa na minha infância. Comecei a ganhar gosto pelos discos, de ouvir os LP», conta João Pedro. Naquela época, e por contraste com a actual, em que os jovens têm acesso a tudo e se vão identificando sazonalmente, as referências eram adquiridas num contexto social, de grupo. «Já havia muita malta ligada ao metal na zona da Amadora e comecei a conviver com pessoal que ouvia Kiss, Van Halen, Scorpions ou Iron Maiden. Fui-me identificando mais com determinada vertente, pois nunca gostei de Kiss nem de Mötley Crüe. De Iron Maiden para Metallica, e depois Agent Steel, Overkill, etc. De repente estou



Fernando Ribeiro

a ouvir death metal e a seguir black metal, e até aquelas bandas com uma vertente mais gótica, como Paradise Lost, My Dying Bride ou até Tiamat.»

As famílias de Fernando Ribeiro e de João Pedro conheciam-se da Brandoa, e assim estes começam uma amizade alicerçada num forte interesse comum. «Foi na música que procurei uma identidade e quando conheci o João Pedro deu-se o clique», recorda Fernando. «As nossas famílias conheciam-se e, assim, conheço uma pessoa que gostava da música de que eu gostava, que me podia ensinar muito, pois já estava na cena há mais tempo, e tinha uma perspectiva interessante, e que já me agradava também, que era o metal underground. Bathory, Celtic Frost, etc. Isso permitiu-nos juntar forças para, primeiro, fazermos uma fanzine e depois também os Morbid God.» João Pedro explica como era este processo evolutivo no underground. «O passo lógico depois de ter uma boa coleção de discos era fazer uma fanzine. Tivemos a *Darkness Zine*, que demorava uns seis meses a ser feita, recebíamos as respostas por carta, montávamos à mão com colagens, tínhamos de ir a uma tipografia para imprimir. Depois disso, o processo era ter uma banda.» Para formar uma banda seriam necessários mais elementos, de forma a completar a formação. Fernando Ribeiro explica que, naquela fase, os critérios de escolha passavam mais por uma identificação pessoal e um envolvimento na cena underground do que propriamente pela capacidade musical. «A nossa grande dificuldade foi arranjar pessoas. Não nos interessava se a pessoa sabia tocar ou não — nisso só pensámos depois do primeiro ensaio [risos] —, mas no processo de escolha havia uma parte de filosofia musical, de saber de que bandas gostava e mostrar espírito de iniciativa», começa por dizer. «Principalmente o João Pedro, e depois eu, todas as semanas trazíamos coisas novas. Por exemplo, numa semana era a demo tape de Abhorrence, com o guitarrista que depois formou os Amorphis, ou outra demo tape antiga. Por isso exigíamos essa mesma dedicação, muito mais que musical, em apresentar mais qualquer coisa. A questão musical veio depois, porque nem sequer ensaiávamos e passávamos a vida nos correios, a

banda era apenas uma ideia.» As pessoas que acabaram por fazer parte dessa banda, na altura ainda sem nome, foram o Pedro Catarino e o João Paulo, conhecido entre os amigos pela alcunha de *Toureiro*, embora os seus papéis na banda não ficassem logo definidos pelas suas habilidades. A sua experiência, individual ou colectiva, era nula ou perto disso e a distribuição de instrumentos teve o seu quê de aleatório, como recorda o Ares, nome pelo

qual ficou conhecido o João Pedro. «Não sei dizer o que levou a isso, mas decidimos que um comprava uma guitarra, outro um baixo e outro uma bateria e fazíamos uma banda. Não sabíamos tocar e, na atribuição de papéis, o Fernando era suposto ser o baterista, mas depois o *Toureiro* comprou a bateria numa papelaria da Amadora e não tínhamos ainda vocalista, por isso ficou o Fernando. O *Toureiro* nunca tinha tocado bateria, eu nunca tinha tocado baixo e o Fernando nunca tinha cantado, só o Pedro Catarino é que já tocava guitarra. Éramos todos putos.»



*Fernando Ribeiro nos
tempos de liceu*

Foi assim que nasceram os Morbid God, cuja primeira formação era constituída por Fernando Ribeiro na voz, João Pedro no baixo, Pedro Catarino na guitarra e João Paulo *Toureiro* na bateria. Contudo, além da falta de capacidade musical, neste quarteto não estavam todos na mesma página em termos de objec-

tivos e dedicação. Se para dois dos seus elementos a banda e a devoção ao underground eram primordiais, para os outros nem tanto. «Houve sempre um desequilíbrio entre mim e o João Pedro em relação ao resto da banda», elucida Fernando. «Tinham interesses mais mundanos. Foram para a tropa, queriam sair e beber, motas e miúdas, e na altura eu não compreendia isso. Morbid God, e depois Moonspell, sempre foi tudo para mim e para o João

Pedro. Além da vida de estudante, queríamos era ouvir Samael ou escrever à Osmose, a fazer contactos para a fanzine. Esse trabalho começou aí e nunca mais parou.»



Logotipo Morbid God

Voltando ao período em que os Moonspell davam os primeiros passos, ainda como Morbid God, o mundo da música pesada estava a mudar radicalmente, e a forma como o público o olhava e ouvia também. Editado em Agosto de 1991, o disco homónimo dos Metallica, conhecido como *Black Album*, foi um *game changer*. Mais acessível ao grande público, não só devido à sua produção, como por uma escrita mais básica e orientada para o refrão, quer na elementar «Enter Sandman», quer na balada «Nothing Else Matters», ainda hoje se ouve nas rádios mais conservadoras depois de «Hotel California», dos Eagles. O metal era inicialmente visto pelo mainstream como um género menor, ligado até a alguma marginalidade e depois

a um movimento que despontou na Sunset Strip com heranças do glam dos anos 70, mas que era demasiado juvenil e vazio, apertado pelo spandex e desorientado pela cocaína e laca para o cabelo. Essas bandas tiveram a sua época, mas, à medida que os anos 80 se aproximavam do fim, o mundo queria algo de mais real. Os Metallica construíram uma ponte que uniu o heavy metal, das raízes da NWOBHM ao thrash — em que tiveram um papel pioneiro — ao rock de arena, de forma que até os nossos pais poderiam agradar, o que levou naturalmente a uma reacção negativa dos seus fãs de longa data. Os Metallica passaram a ser olhados como uns vendidos, que comprometeram a sua integridade de uma forma que o malogrado Cliff Burton nunca permitiria.

É também neste ano que os Nirvana, com *Nevermind*, trazem resposta às ansiedades de uma geração que não se revia na artificialidade do rock corporativo e tornam-se num incrível sucesso. A uma série de bandas que surgem igualmente em Seattle — como Soundgarden, Pearl Jam ou Alice in Chains — chamou-se movimento grunge, embora este não fosse propriamente um movimento na sua origem, mas sim nas ondas de choque que se seguiram e que levaram à imitação, à inevitável mediocridade e ao seu fim. A imprensa musical veio dizer que o grunge matou o metal, mas, na verdade, só pregou o último prego na cena hair metal moribunda, tendo até muito mais a ver com o metal na sua génese que aquele sucedâneo. Apenas um riff de Jerry Cantrell ou de Kim Thayil, respectivamente dos Alice in Chains e Soundgarden, impregnado do espírito que emana da Gibson SG de Tony Iommi, tinha o poder de tapar o buraco na camada do ozono causado por todas as latas de spray que os Ratt, Poison e quejandos usaram ao longo de uma década. Com a popularidade do grunge, o início dos anos 90 estava a ser um desafio para o heavy metal. Os Judas Priest tiveram um grande sucesso com *Painkiller*, mas ao qual não deram continuidade, tendo o vocalista Rob Halford saído da banda pouco depois da tournée de promoção do disco, e criado os Fight, que tinham muito mais a ver com o tipo de sonoridades que então se ouviam. Também os Iron Maiden conheceram um decréscimo criativo e de vendas depois de *Seventh Son of a Seventh Son* em 1988, com um fracasso criativo e comercial em 1990 e um *Fear of the Dark* dois anos depois, que, embora estivesse uns furos acima, não estava ao nível dos Maiden dos anos 80; salvou-se o seu tema-título, memorável composição de Steve Harris que teve o mesmo impacto de «Nothing Else Matters» dos Metallica, conseguindo airplay constante nas rádios generalistas. Bruce Dickinson sairia da banda em 93,

dando continuidade à sua carreira a solo, e o disco *Balls to Picasso* tinha muito mais afinidades com a cena grunge do que com *The Number of the Beast*, por exemplo.

Oblívio a todo este contexto macro, é no underground que o movimento se consolida. Toda a cena death metal e grindcore vai crescendo na segunda metade da década de 80, por intermédio de bandas como Repulsion, Death, Possessed, Morbid Angel ou Napalm Death, em circuitos de tape trading e de fanzines fotocopiadas com entrevistas feitas por carta, e era no início da década seguinte uma força a ter em conta, chegando mesmo às multinacionais. Quase em simultâneo, e paralelamente à maior atenção que o death metal estava a receber, com produções padronizadas e a originalidade a decair, o movimento black metal conhece semelhante desenvolvimento, muito influenciado pelos pioneiros do género que, para efeitos de concisão, reduziremos a quatro, mas enumerando agora apenas três: Venom, Mercyful Fate e Celtic Frost. A quarta foi de tal maneira importante para os Moonspell, que terá o seu próprio capítulo.



*Os Venom, que cunharam
o termo black metal*

Formados em Newcastle em 1979, os Venom são considerados os fundadores do black metal, tendo até o seu segundo álbum baptizado o estilo. *Welcome To Hell*, de 81, *Black Metal* de 82 e *At War With Satan* dois anos mais tarde, são os álbuns que constituem aquela que é considerada a trilogia definidora do género. A sua sonoridade nasceu de uma mistura de influências numa época de grande fervor criativo. Cresceram com as grandes bandas dos anos 70, como Led Zeppelin, Deep Purple ou Judas Priest, mas também muito influenciados pelo punk, através de Sex Pistols, The Damned ou Sham 69, e ainda uma admiração pela teatralidade de David Bowie ou T-Rex. Cedo os Venom adoptaram uma temática lírica ligada ao oculto e ao satanismo, ainda que esta opção esteja mais relacionada com o seu *shock value* do que propriamente com convicção. Cronos, baixista e vocalista do trio, explica: «Sou um grande fã de Sabbath e canto as letras por cima do Ozzy, mas é bastante óbvio para mim que é ele a alma torturada. Ele canta “*Oh God help me!*” ou “*A bruxa vem atrás de mim, os demónios vêm atrás de mim para me apanhar.*” Pensei, “*Bem, eu quero ser essa bruxa, ser esse demónio*”, percebes? (...) Não vou cantar sobre satanismo na terceira pessoa, vou falar sobre isso como se eu fosse o demónio, ou como se fosse Satanás.»³ Os Venom deram também início a uma tradição associada ao black metal que é a utilização de pseudónimos, ou nomes de guerra, que os próprios Moonspell adoptaram até 1996. Talvez não tivesse sido essa a vontade dos seus pais quando nasceram, mas Jeff Dunn, Tony Bray e Conrad Lant serão para sempre conhecidos por Mantas, Abaddon e Cronos, respectivamente. Também o Fernando foi Langsuyar, o Mike foi Nirsroth e o Duarte foi Mantus, alterando apenas uma vogal em relação ao guitarrista dos Venom.



Os Mercyful Fate, liderados por King Diamond

³ Patterson, Dayal — *Black Metal, Evolution of the Cult* [Feral House, 2013].

Não sendo um país com grande tradição rock ‘n’ roll, a Dinamarca representa, todavia, muito mais para o metal que o simples facto de ser o país natal de Lars Ulrich, baterista dos Metallica. É em Copenhaga que, em 1981, Hank Shermann funda com King Diamond os Mercyful Fate, banda que foi também basilar na primeira vaga do black metal, apesar de a sua inspiração no rock progressivo contrastar com a sujidade elementar dos Venom ou dos Hellhammer. Seria, afinal, algo muito mais aproximado do heavy metal clássico, por oposição ao rock ‘n’roll dos Venom. A caracterização facial utilizada por King Diamond, embora herdeira do que havia sido feito pelos Kiss ou por Alice Cooper, foi também importante para a forma como muitas bandas de black metal se mostravam ao mundo, com o chamado *corpse paint*, sendo um elemento indispensável para as actuações ao vivo ou fotos promocionais, muitas das quais se tornariam icónicas. Também na abordagem lírica os Mercyful Fate se tornariam uma referência, pois a sua abordagem à temática do género, o oculto e o satanismo, era bastante particular. Tal não seria apenas uma opção estética, mas um interesse real, tendo King Diamond sido um dos primeiros músicos a assumir-se como satanista, conforme definido pela *A Bíblia Satânica* de Anton LaVey, fundador da Church of Satan. «Tive a sorte de ser convidado para a Church of Satan em São Francisco e passar toda a noite lá com o Anton LaVey (...). Foi muito interessante e tornámo-nos... não posso dizer amigos próximos, mas amigos que tinham um grande respeito um pelo outro.»⁴ Mas aqui é importante esclarecer o que é um satanista, conforme preconizado pela Church of Satan, que não poderia estar mais distante de alguém que venera o diabo e sacrifica animais em seu nome. De acordo com a introdução de Peter H. Gilmore, sumo sacerdote da Church of Satan desde 2001, do livro *A Bíblia Satânica*, «o satanismo move-se nos caminhos religiosos, ao ter uma componente estética, um sistema de simbolismos, metáforas e rituais em que sataná é acolhido, não como um diabo para ser venerado, mas como uma projecção externa simbólica do mais elevado potencial para cada indivíduo satanista. A identificação que os satanistas têm com sataná é uma barreira intencional contra aqueles que não encontram ressonância neste arquétipo sinistro.»⁵

⁴ Patterson, Dayal — *Black Metal, Evolution of the Cult* [Feral House, 2013].

⁵ Gilmore, Peter H. — *Introduction to the Satanic Bible* [Avon Books, 2005].



Os suíços Celtic Frost

Birchwil é uma pequena cidade a norte de Zurique, cantão germanófono da Suíça, e foi berço de uma das mais improváveis bandas da história do metal. Os Hellhammer nascem pela mão de Thomas Gabriel Fischer, filho de pais separados, mãe traficante de diamantes e que o deixava largas temporadas sozinho, sujeito a *bullying* sob várias formas, e que veio mais tarde a enlouquecer, tendo sido toda a vida um proscrito. O interesse pela música era o seu único escape e cedo desenvolveu uma predilecção pelas sonoridades mais pesadas. Após uma viagem a Londres na adolescência, comprou o primeiro single dos Venom, «In League with Satan». «Não fazia ideia de como soava, mas vi a foto atrás e senti que aquela era a foto mais extrema que já tinha visto de uma banda. Comprei-o e trouxe-o para casa na Suíça e foi do estilo, “tive a minha revelação”. Mudou literalmente a minha vida, aquelas duas faixas do single mudaram completamente a minha vida.»⁶ A obsessão de Fischer foi de tal ordem que, após repetidas audições, alterava a velocidade de rotação do gira-discos de 45 rpm para 33 rpm, só para soar ainda mais pesado. É nesta procura pelo peso, aliada a uma ingenuidade e inexperiência no domínio dos seus instrumentos, que os Hellhammer vão criando as canções que viriam a formar o seu corpo de trabalho, e adoptando uma estética monocromática que vinha também das suas influências punk. Na realidade, Venom e Discharge foram influências igualmente importantes

⁶ Patterson, Dayal — *Black Metal, Evolution of the Cult* [Feral House, 2013].

para os Hellhammer na criação da sua linguagem musical necro e minimal, mais focada no groove do que na velocidade, ao contrário do que já era tendência na altura. A reacção do público foi de indiferença e a da crítica foi devastadora, especialmente perante *Apocalyptic Raids*, EP de 1984 e único lançamento profissional que os Hellhammer tiveram ainda em actividade. O nome Hellhammer tinha uma conotação de tal forma negativa, que Tom e o baixista Martin Eric Ain decidiram não apenas mudar o nome, mas acabar com a banda e criar uma outra, com um novo conceito criado totalmente de raiz, delineado num caderno e com três álbuns já planeados, já com os nomes dos discos e de todas as canções, o tipo de fotos que iriam tirar para cada um deles, etc. Nasceram assim os Celtic Frost, cujo miniálbum *Morbid Tales* saíria ainda em 1984 e é hoje considerado um pilar tanto para o black como para o thrash e todos os géneros de metal. O mesmo pode ser dito de *To Mega Therion*, álbum de 1985 que tem por capa a obra *Satan I* do artista suíço H. R. Giger, mas para o contexto deste livro e do percurso dos Moonspell o foco incidirá em *Into the Pandemonium*, de 1987. Não será exagero considerar esse disco como revolucionário no contexto do metal dos anos 80, tendo, contudo, a sua influência sido apenas sentida vários anos mais tarde. O uso de orquestrações, vozes femininas, cordas, electrónica, uma versão de uma canção *new wave*, adaptações de poemas de Baudelaire, conseguindo com todos estes novos elementos manter uma identidade que já se reconhecia aos Celtic Frost, foi algo que se viria a tornar uma inesgotável fonte de inspiração para a geração de bandas que surgiria anos mais tarde, e nas quais podemos e devemos incluir os Paradise Lost, Tiamat e Moonspell. Na biografia dos Celtic Frost que escreveu, Fischer reflecte sobre este disco: «*Into the Pandemonium* vai levar-nos à aceitação e presença junto da cena e da indústria. Vai fazer as pessoas levarem-nos a sério e a elevar-nos mais alto do que realmente merecemos. Completámos um produto sobre o qual os críticos, outros músicos e fãs irão falar muitos anos depois. Irá fixar a fasquia para todo o nosso futuro trabalho, quer como banda quer como indivíduos, e irá também influenciar muitas outras bandas.»⁷ Em termos de inspiração musical, talvez se associe a fase inicial da carreira dos Moonspell às ambiências dos primeiros trabalhos dos Celtic Frost, mas os efeitos de *Into the Pandemonium* já eram muito evidentes em *Under the Moonspell*, editado em 1994. ⚡

⁷ Fischer, Tom Gabriel — *Are You Morbid? Into the Pandemonium of Celtic Frost* [Sanctuary Publishing, 2000].